Laura Robinson: uma comunicóloga "brasileira" no exterior

Laura Robinson: a Brazilianist communication scholar from abroad

Entrevista com LAURA ROBINSON*

Santa Clara University. Los Angeles – CA, EUA

por MONICA MARTINEZ**

Universidade de Sorocaba, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Sorocaba – SP, Brasil

A SOCIÓLOGA LAURA Robinson é uma brasilianista cujos interesses de pesquisa estão nos meios digitais, em particular a questão dos jovens e das desigualdades informacionais; ela também possui uma visão entusiástica da mídia e da cultura popular do Brasil. Seu interesse pela cultura brasileira teve início quando fazia seu doutorado na University of California at Los Angeles (UCLA) e continuou durante seu trabalho na Santa Clara University, também na Califórnia, onde ela é professora associada e participa do Latin American Studies Program Advisory Board. Entre os pesquisadores estadunidenses, seu domínio do português brasileiro é notável; entretanto, ela atribui essa fluência inteiramente à generosidade dos brasileiros e à qualidade da televisão a cabo do Brasil, que ela consome avidamente. Como pesquisadora, ela valoriza o papel do Brasil no cenário mundial em diferentes projetos. Por exemplo, um dos principais estudos de caso de sua tese de doutorado foi sobre um dos nossos mais importantes jornais nacionais, *O Estado de S. Paulo*, que ela compara ao *The New York Times* e ao *Le Monde*, com o objetivo de investigar posições de discurso e identidades políticas em relação ao 11 de setembro de 2001. Suas descobertas com respeito às identidades inclusivas mostram que apenas os brasileiros compartilham uma crença dominante na metaidentidade da *humanidade*, quando comparados ao discurso identitário mais restritivo produzido por franceses e estadunidenses. Além disso, seus estudos transnacionais, tendo o Brasil como um caso-chave de importância interna-

* Professora associada do Departamento de Sociologia da Santa Clara University (EUA) e editora da Emerald Studies of Media and Communications. É doutora em Sociologia, com ênfase em Estudos Latino-Americanos (Mellow Fellowship) pela University of California at Los Angeles (UCLA). Tem pós-doutorado pela Fundação John D. and Catherine T. MacArthur da USC Annenberg Center. E-mail: laura@laurarobinson.org

** Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), tem pós-doutorado pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e estágio de pesquisa pós-doutoral junto ao departamento de Rádio, Televisão e Cinema da Universidade do Texas. É docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), onde é colíder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami). E-mail: martinez.monica@uol.com.br

DOI:http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10i2p93-112

cional, fizeram que seu trabalho fosse premiado por organizações de comunicação como a International and Intercultural Communication Division of the National Communication Association (NCA IICD), a Association of Internet Researchers (AOIR), e a seção da American Sociological Association (ASA) Communication, Information Technologies and Media Sociology (CITAMS). Desde o início de sua carreira, Laura entendeu a importância de colocar as vozes latino-americanas ao lado das europeias e estadunidenses. Ex-presidente da seção CITAMS e organizadora de painéis como "Context matters: comparing communication and media practices in Brazil and the U.S." na conferência anual de 2015 da International Association of Communication (ICA), ela se dedica à criação de pontes acadêmicas entre estudiosos brasileiros e dos Estados Unidos. No Brasil, Laura é participante ativa desde 2008 do Colóquio Brasil-EUA de Estudos de Comunicação, evento bienal organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), do qual ela será a anfitriã em 2020 na Califórnia. No momento, como editora da série *Emerald studies in media and communications*, ela está liderando uma equipe editorial que combina pesquisadores do Brasil e dos Estados Unidos. O livro *Brazil: media from the Country of the Future* será publicado em 2017. Agora, ela dirigiu sua atenção para um estudo comparativo das populações brasileiras e estadunidenses excluídas da Sociedade de Informação. Seu objetivo é mostrar como a reflexão prospectiva das políticas de inclusão digital brasileiras pode oferecer modelos que promovam estratégias de inclusão mais efetivas aplicáveis aos Estados Unidos e a outros países desenvolvidos.

MATRIZes: Você integra a nova geração de brasilianistas, isto é, pesquisadores dedicados a investigar a comunicação e o jornalismo brasileiros a partir do exterior. Assim, você poderia compartilhar um pouco de sua contribuição como pesquisadora de questões transnacionais, digitais e de desigualdade social?

Laura Robinson: Muito obrigada pela oportunidade de falar sobre minha pesquisa. É uma honra e um prazer ser indagada e tomar parte no crescente diálogo entre acadêmicos brasileiros e estadunidenses.

Se fosse resumir meu trabalho, diria que minha pesquisa examina os meios de comunicação digitais e populares, as desigualdades digitais e o trabalho identitário. A partir de uma perspectiva transnacional, meus projetos são guiados por várias questões inter-relacionadas. Pergunto: como os processos sociais e culturais mediados pelos meios digitais no Brasil são comparáveis com os da França e dos Estados Unidos? Como as desigualdades digitais se relacionam com as diferenças socioeconômicas mais gerais nas sociedades brasileira e estadunidense? Como as rápidas mudanças sociais ocorrendo no

Brasil e nos Estados Unidos podem ser vistas pela lente da produção cultural? Como essas questões indicam, estou bastante interessada em como os indivíduos levam normas culturais e de interação do mundo off-line para os espaços da comunicação digital e vice-versa.

Sempre que possível, utilizo uma abordagem de estudo de caso comparativo para distinguir o que é local e o que é global no fenômeno em estudo. Assim, por exemplo, em minha primeira iniciativa de pesquisa de larga escala no Brasil, utilizei uma abordagem transnacional e comparativa para examinar as comunidades discursivas digitais cridas em resposta ao 11 de setembro de 2001. Entre os fóruns de jornais dedicados explicitamente a discussões sobre essa data, havia três que se destacavam pelo tamanho e diversidade de sua populações, bem como por capacidade de atrair usuários nacionais, expatriados e internacionais. Esses três fóruns on-line estavam hospedados por jornais emblemáticos no Brasil, França e Estados Unidos: *O Estado de S. Paulo*, *Le Monde* e *The New York Times*.

Em cada um havia um amplo reservatório de discursos naturais gerados por pessoas comuns tentando produzir sentido sobre as causas e consequências dos ataques tanto para si mesmos quanto para suas comunidades e o mundo. Os moderadores não planejaram esses espaços digitais para atrair usuários predispostos a discutir agendas políticas específicas. Em vez disso, os jornais como *O Estado* estabeleceram esses espaços em resposta à onda reativa e permitiram que os próprios participantes guiassem as discussões. O que era realmente fascinante é que, em cada um dos três casos, um número significativo de participantes debatia as identidades coletivas e explorava o futuro de tais identidades em face da catástrofe. Como se poderia imaginar, cada uma das comunidades era simultaneamente um local de consenso construtivo, desavenças civilizadas e conflitos apaixonados. Mas, sem dúvida, foram os participantes brasileiros que mudaram sua discussão do imediatismo do ataque para uma discussão mais profunda sobre o que significa ser parte da humanidade.

Ao mesmo tempo, uma vez que os fóruns foram planejados de modo que os participantes pudessem revisar as mensagens prévias postadas na hora, dia ou semana anterior, esses espaços digitais facilitaram a discussão dialógica em andamento. Por causa disso, foi possível delinear o trabalho de identidade primária e reativa em dimensões bastante reais. Isso me permitiu utilizar uma agenda teórica sintética que combinou o interacionismo simbólico com as teorias socioconstrutivistas da identidade. Essa abordagem definiu o duplo caráter das interações dialógicas dos participantes como tendo tanto aspectos endógenos quanto exógenos. Ao comparar as comunidades brasileira, francesa e estadunidense, fui capaz de contestar as premissas produzidas por teóri-

cos baseadas somente em modelos anglófonos. Ao colocar as generalizações dos teóricos das novas mídias em uma perspectiva transnacional, a pesquisa revelou a variação transnacional no modo como os brasileiros, franceses e estadunidenses constroem identidades e fronteiras morais de formas culturalmente específicas.

Esse projeto deu início a uma agenda de pesquisa mais ampla sobre autoconcepções e engajamentos digitais. Embora meu trabalho sobre comunidades discursivas e desigualdades digitais seja diferente em variados aspectos, ambos são guiados por questões de identidade e construção do self. Após finalizar minha tese sobre os discursos que envolvem o 11 de setembro, passei muitos anos conduzindo um estudo longitudinal, explorando as relações entre as desigualdades socioeconômicas, os recursos de informação de larga escala e o desenvolvimento de um *habitus* informativo entre jovens em um cinturão agrícola da Califórnia. Desde 2006, acumulei abundantes dados primários de estudantes de duas escolas de ensino médio em uma cidade da Califórnia dependente da indústria agrícola. O foco de minha pesquisa nas desigualdades informativas era entre os jovens de uma comunidade culturalmente diversificada com muitos falantes de espanhol de Mixteco, Ilocano e Tagalog, muitos provindos de famílias e comunidades caracterizadas pela insegurança econômica multigeracional. Utilizo uma ampla lente para capturar as complexas interconexões entre os contextos socioeconômicos dos jovens e seu uso de internet para atividades de crescimento do capital em diversos domínios da vida, incluindo a escola, a carreira e a família.

As descobertas desse projeto mostram que existem significativas relações recíprocas entre a falta de recursos, as desigualdades, a reprodução social e as autoconcepções. Muitas de minhas publicações utilizam o conceito de *habitus* de Bourdieu para desenvolver o argumento de que – embora as desigualdades digitais derivem de oportunidades de acesso e habilidades desiguais – elas são mediadas por orientações ou autoconcepções que podemos compreender apenas quando observamos os contextos da vida holisticamente. O uso dos conceitos de *skolè* e *habitus* de Bourdieu revelou como o "*habitus* informacional" emerge das contínuas experiências de escassez e abundância, assim como diferentes autoconcepções se tornam internalizadas ao longo do tempo. O que nós vemos é que jovens favorecidos conduzem seu envolvimento digital com um senso substancialmente maior de atuação social e institucional, bem como um maior senso de autoeficácia. O aprimorado senso de autoeficácia dos jovens favorecidos decorre de condições sociais e econômicas mais positivas. Em forte contraste, seus pares desfavorecidos vivem a contínua escassez de recursos temporais e materiais. Essas crônicas desvantagens resultam na aquisição do

que Bourdieu chama de "gosto pelo necessário", que limita o desenvolvimento da autoeficácia e da atuação a partir de engajamentos digitais. Em suma, a internalização de determinadas autoconcepções e posturas perante atividades de reforço do capital cria novas formas de reprodução da desigualdade.

MATRIZes: Uma vez desenvolvendo sua tese de doutorado em sociologia, quando você começou a fazer pesquisas sobre Comunicação, Mídia e América Latina?

Robinson: Meu caminho para a América Latina é um tanto afortunado e algo pelo qual sou extremamente grata. Quando aluna de graduação na faculdade, estudei literatura, arte e cultura principalmente dos Estados Unidos, França, Itália e Espanha. Passei meu último ano de faculdade na Sorbornne, que me abriu a porta para um curso de pós-graduação na Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle), onde estudei tradução e cultura no Institut du Monde Anglophone. Ao mesmo tempo, tive a sorte de estudar tradução por um ano com uma extraordinária professora francesa – semana após semana, ela nos orientava a traduzir textos em francês e em inglês e discutia o contexto cultural, assim como a importância da linguagem e da cultura. Foi aí que comecei minha jornada nos estudos de comunicação e mídia. Após concluir o *Certificat de maitrise*, graças aos generosos colegas e professores franceses, eu era membro da primeira turma de estudantes que participou do Euromasters Programme, no qual me especializei em mídia europeia. Escrevi minha dissertação de mestrado sobre o surgimento da internet e sobre como diferentes países desenvolviam políticas diversificadas para estimular seu uso. *Et voilà*, esse foi o início de minha trajetória como acadêmica em mídia digital. Assim, tenho uma dívida com os acadêmicos franceses que me orientaram e com a universidade francesa que me deu a oportunidade de realizar um trabalho de pós-graduação em mídia. Essas experiências na França foram o alicerce para o que estava por vir quando retornei aos Estados Unidos, e ensinei língua francesa por um ano antes de começar o doutorado. Conforme iniciei o trabalho na UCLA, comecei a ver paralelos e diferenças intrigantes entre as culturas latinas, americanas e europeias. Foi aí que comecei a ficar muito interessada em explorar mais essas conexões entre as Américas.

MATRIZes: Como surgiu seu interesse pelo Brasil? Onde você nasceu? Sua família a encorajou a ter interesses externos à América do Norte?

Robinson: Nasci na Califórnia (Hollywood para ser exata) e passei toda minha infância nos Estados Unidos. Porém, minha mãe passou parte da infância na Costa Rica e na República Dominicana. Nossas histórias de família

estiveram sempre polvilhadas por experiências na América Latina. Do lado paterno, minha avó foi uma intrépida viajante que, com 70 anos, foi ver o Canal do Panamá; ela me levou a minha primeira viagem internacional para fora da América do Norte quando eu tinha 13 anos. Por isso, posso dizer que ambos os lados de minha família deram a base para que me tornasse brasilianista ao encorajar uma aptidão para aprender línguas estrangeiras e deixar minha casa para experimentar outras partes do mundo. Quando efetivamente tive o ímpeto e fui ao Brasil, o professor David Lopez da UCLA compartilhou sua própria apreciação do país comigo. Comecei buscando um bom caso de comparação para triangular a mídia digital entre a América do Norte (os Estados Unidos), a Europa (França) e a América Latina. O Brasil se tornou uma escolha óbvia em função de sua liderança regional, seu poder econômico global e sua influência cultural crescente. Naquela época, fui capaz de aprender português para estudar a mídia digital no Brasil, pelo qual outro débito de gratidão é para com os programas de bolsas Mellon, FLAS e Tinker. Em relação a meu contínuo interesse no Brasil – além de representar um excelente caso de estudo comparativo em ciência social –, ele é devido inteiramente aos próprios brasileiros. Em 2000, fui para Salvador, na Bahia; em uma semana fiquei extasiada, e tenho voltado desde então. Isso foi em grande parte por Claudia Magalhães ter aberto sua casa para mim, compartilhando as delícias da comida brasileira, a calorosa hospitalidade brasileira, a beleza da língua portuguesa e o fascínio da mídia brasileira. Brasileiros como Claudia – e outros que encontrei durante o Colóquio Brasil-Estados Unidos de Estudos da Comunicação – fazem que me sinta em casa no Brasil.

MATRIZes: Ainda são poucos os pesquisadores estadunidenses que dominam de fato outro idioma além do inglês e você é fluente em português. Como aprendeu e mantém o idioma?

Robinson: Eles simplesmente não sabem o que estão perdendo! Aprender o português brasileiro me deu uma forma alternativa de pensar. Além do curso de linguagem formal da UCLA, tornei-me uma ávida consumidora de mídia brasileira graças ao canal internacional de televisão da Globo. Enquanto escrevia minha tese na UCLA, comecei a assistir a telenovelas brasileiras, começando com *Belíssima*. O que começou como um "divertimento" após longos dias de escrita, tornou-se rapidamente parte de minha rotina diária. Dez anos depois, continuo assistindo regularmente mais à programação brasileira do que à televisão estadunidense. Não apenas por me permitir manter minhas habilidades em língua portuguesa, mas por que isso se tornou francamente parte de minha rotina, de modo que não posso imaginar deixar de fazer

isso! Normalmente assisto ao menos uma telenovela (*Avenida Brasil* continua sendo minha favorita) e tantas minisséries quanto possível – especialmente quando elas são tão boas e deliciosamente viciantes como *O Rebu* e *Verdades Secretas*. Também complemento esses "prazeres proibidos" assistindo aos noticiários, pois acho fascinante comparar como os mesmos eventos internacionais são cobertos de modos muito diferentes nos programas televisivos noticiosos brasileiros e estadunidenses.

MATRIZes: Seu doutorado, feito na University of California, em Los Angeles, "Negotiating 9/11: cultural repertoires and discourses in Brazilian, French, and American Online Fora", analisou o atentado de 11 de setembro na perspectiva transnacional de três culturas distintas: a francesa, a estadunidense e a brasileira. Você comentaria os achados, com destaque para os do jornal *O Estado de S. Paulo* que estudou?

Robinson: Após o 11 de setembro, *O Estado de S. Paulo* criou o fórum intitulado "A Primeira Guerra do Século". Nas minhas entrevistas com a equipe do fórum, eles informaram que as respostas ao 11 de setembro estimularam uma participação recorde. Já nos outros estudos de caso, do *The New York Times* e do *Le Monde*, uma rápida discórdia dividiu o fórum em campos opostos baseados nas posições a respeito dos Estados Unidos. A coisa mais admirável sobre o discurso brasileiro é que ele era verdadeiramente cosmopolita, particularmente quando comparado aos discursos paralelos dos franceses e estadunidenses.

Grande parte do discurso crítico brasileiro sobre os Estados Unidos está baseada em umem um quadro arielista. Os atores sociais apoiados nesse enquadramento assumem implicitamente que, não importa que papel joguem, os Estados Unidos desempenham o papel de Caliban, que eles caracterizam como sendo de malevolência frente à ordem legítima. Nas horas e dias seguintes aos ataques, os críticos brasileiros dos Estados Unidos estendem simbolicamente a caracterização de ausência de poder ao resto do mundo. Aqueles com essa orientação ideológica enxergam um mundo no qual muitos coletivos que têm sido enganados por ataques preventivos desejam se vingar. Para eles, simbolicamente, há muitos Ariels unidos contra um único Caliban.

Além do enquadramento arielista, muitos dos críticos brasileiros dos Estados Unidos compartilham várias similaridades com estadunidenses e franceses. Esses brasileiros deploram o que eles percebem como o senso de superioridade dos Estados Unidos frente ao restante do mundo, particularmente os países em desenvolvimento. Também expressam indignação contra o que entendem como terrorismo econômico contra todos as nações em desenvol-

vimento pelo poderoso e "arrogante" Estados Unidos. A situação complicada dos outros ao redor do mundo, eles cobram, é sem sentido para nós, estadunidenses, preocupados com seus próprios objetivos, com um olhar para dentro. Assim, de acordo com esses brasileiros, os estadunidenses não merecem a empatia do mundo, por sua própria indiferença aos não estadunidenses ao redor do globo. A lógica dessa avaliação moral é aplicada por aqueles críticos dos EUA aos estadunidenses como um grupo indiferenciado. Poucas distinções são feitas entre o governo e a população estadunidense, ou até mesmo entre as elites e a população comum. Todos estadunidenses são deixados de fora do que Zeruvabel chama de "esferas de preocupação moral" relevantes. Esses brasileiros usam a identidade dos EUA para reconceitualizar as vítimas e causadores do 11 de setembro. Eles empregam a identidade nacional dos EUA para aferir culpa; assim, eles estão definindo a nacionalidade como um instrumento de exclusão pela qual os "outros" apontam os estadunidenses como indignos de empatia. Paradoxalmente, esses críticos dos Estados Unidos também promovem uma estratégia de neutralização secundária, que opera em uma direção contrária para atingir o mesmo fim. Ao discutir as vítimas de outros desastres ou tragédias, os participantes críticos buscam eliminar as diferenças nacionais de modo a afastar o que eles interpretam como reivindicações especiais de vitimização das perdas dos Estados Unidos no 11 de setembro. Esses indivíduos redefinem todas as vítimas de qualquer tragédia como "vítimas do terrorismo". Ao aproximar os estadunidenses de vítimas de outras tragédias, eles discordam do que percebem como reivindicações ilícitas e desautorizadas de uma condição preferencial aplicada aos estadunidenses. Essa estratégia de desnacionalização segue o mesmo objetivo de exclusão, enquanto estratégias paralelas de atribuição de culpa. Ambas operam para excluir os estadunidenses de esferas de preocupação moral e Utilizam um enquadramento anti-EUA como uma identidade supranacional não relacionada a eles mesmos, particularmente poderosa. A própria relevância dessa identidade em resposta ao ataque do 11 de setembro indica o apelo global anti-Estados Unidos.

Entretanto, outros brasileiros desafiam esse distanciamento excludente com o emprego de uma identidade cosmopolita. Esses brasileiros cosmopolitas combinam um conjunto poderoso de contranarrativas e quadros desafiadores para refutar qualquer expressão de *Schadenfreude* – prazer obtido com a dor alheia – pós-11 de setembro. Para fazer isso, realizam um trabalho identitário baseado em esferas de preocupação moral que incluem todas as pessoas de todas as nações como igualmente merecedoras de dignidade e empatia. Para eles, os estadunidenses não são melhores nem piores que ninguém. Em vez disso, todos que sofrem são vistos como membros da família humana, inde-

pendentemente de qualquer outra categoria de identidade. Significativamente, embora os brasileiros cosmopolitas mostrem solidariedade com as vítimas do 11 de setembro e posicionem a si mesmo contra os anti-EUA, empregando argumentos a respeito da santidade da vida para todos os povos, um número substancial não aprecia particularmente os Estados Unidos. Porém, não importam seus sentimentos sobre os Estados Unidos e seu povo, esses brasileiros opõem-se ao discurso identitária anti-EUA que eles percebem como indiferente ao sofrimento humano e, portanto, inaceitável. Aqui, a especificidade da cultura brasileira se coloca em forte contraste aos argumentos seculares que são dominantes nos fóruns da França e Estados Unidos. Enquanto os estadunidenses e franceses fazem um trabalho identitário que apoia as vítimas como membros de "democracias", são apenas os brasileiros que oferecem um exemplo cosmopolitismo mais universal. Os brasileiros cosmopolitas defendem que o sofrimento de todos os membros da humanidade é igualmente relevante. Quando fazem tais afirmações, esses brasileiros enquadram a ampliação da empatia como um imperativo moral. Em grau muito maior que seus pares da França e dos Estados Unidos, esses brasileiros definem todos os membros da humanidade como "irmãos" e explicitamente desnacionalizam tanto as vítimas do 11 de setembro quanto de outros eventos trágicos. Não importa a nacionalidade das vítimas, eles insistem na "solidariedade" para todos.

Em complemento à solidariedade, esses brasileiros enfatizam o conceito de "humanidade" e discutem o que significa ser humano. Esses brasileiros ampliam seus círculos de preocupação moral para incluir todas as vítimas, tanto as sobreviventes quanto as mortas. Por exemplo, uma participante diz: "*Imagine o desespero das famílias buscando seus parentes. São vidas e vidas que foram perdidas. Quantos pais, homens de família, morreram – pessoas que nunca pensaram sobre a opressão política. Devemos chorar por essa tragédia do mesmo modo que devemos chorar pelas pessoas que morrem pela violência no Brasil… Nós somos todos humanos… certo?*" Esses brasileiros cosmopolitas veem o conjunto das vítimas como a própria humanidade. Um desses brasileiros escreve, "*Meus pêsames para as famílias brasileiras e estadunidenses, porém principalmente para a humanidade, uma pequena parcela da qual morreu ontem*". Por outro lado, os participantes estadunidenses e franceses enfatizam coletividades mais restritas e se envolvem em um trabalho identitário mais circunscrito. Somente os brasileiros cosmopolitas oferecem uma forma completamente inclusiva de cosmopolitismo. Ao usar a "humanidade" como a mais importante categoria identitária, tornam o sofrimento de qualquer ser humano como igualmente digno de empatia e enfatizam a crença de que todos os membros da humanidade compartilham as dores dos outros. Ainda mais

extensivos, os brasileiros fazem conexões entre aqueles que sofrem pelo 11 de setembro e comentários maiores sobre o que deve significar ser humano. Os brasileiros cosmopolitas apontam para o trabalho identitário inclusivo, no qual o sofrimento dos outros é dividido com estranhos. Como esses brasileiros mostram, quando essa reflexão predomina, a "humanidade" torna-se a principal categoria identitária em importância.

De modo também interessante, esses brasileiros refletem sobre o que significa ser humano – em seu melhor e pior. O emprego identitário dos brasileiros cosmopolitas simbolicamente divide a humanidade daqueles que podem destruí-la pela violência. Para eles, todo ser humano enfrenta a escolha fundamental entre o bem e o mal presente na humanidade. Para os cosmopolitas brasileiros, todos os membros da humanidade devem fazer sua escolha, como alguém escreve, "*Para mim é óbvio que existem dois mundos que são absolutamente diferentes: o primeiro é feito de pessoas que nascem e trabalham para seus vizinhos, para a sociedade. Pessoas como nós, que, apesar de quaisquer dificuldades, lutam no dia a dia pelo que é melhor. O segundo tipo de ser, que não podemos chamar de humanos, só nasce e cresce para semear o ódio, a destruição e morte sem razão, na verdade, são os cavaleiros do Apocalipse que decidem quem deve viver e quem deve morrer. Não devemos permitir sermos influenciados por esse tipo de ódio que gera mais destruição*". Os brasileiros cosmopolitas enquadram essa escolha como o máximo demarcador identitário e a escolha que deve ser feita por todos os membros da humanidade em resposta a todo tipo de sofrimento humano.

Pode-se indagar até que ponto esses discursos estão sustentando quadros identitários e entendimentos do mundo social. Para começar a responder essa questão, retornei aos discursos em novos fóruns hospedados nesses mesmos três jornais no décimo aniversário do 11 de setembro, abertos ao público para novamente discutir retrospectivamente os ataques terroristas. Utilizando novamente uma perspectiva transnacional, retirei dados complementares de *O Estado de S. Paulo*, do *Le Monde* e do *The New York Times* para comparar as compreensões imediatas dos eventos com comentários posteriores de uma perspectiva longitudinal. Em um recente artigo em *Information, Communication, and Society*, comparei o discurso em resposta imediata aos ataques com o discurso produzido uma década depois. Descobri que, embora se possa esperar diferentes interpretações do 11 de setembro nos dez anos subsequentes, a maioria das interpretações essenciais permanece a mesma. Mais especificamente, minhas descobertas revelam que as agendas políticas dos participantes e as identificações ideológicas não mudam, mas continuam a influenciar as lentes morais a partir da quais apreendem o mundo social. Como as análises

mostram, a negociação pelos participantes dos limites entre o moralmente digno "nós" e o moralmente indigno "eles" permanece estável ao longo do tempo. Ao fazer isso, a pesquisa lança luz sobre a estabilidade e a natureza duradoura do trabalho identitário e das categorias identitárias em fóruns de discurso digital brasileiros, franceses e estadunidenses.

MATRIZes: Em sua perspectiva, quais são as semelhanças e as diferenças nos âmbitos histórico, social, econômico, político e midiático de duas nações de tão grande extensão territorial, como os Estados Unidos e o Brasil?

Robinson: Esse é o paradoxo: Brasil e Estados Unidos são muito parecidos e ao mesmo tempo muito diferentes. Brasileiros e estadunidenses são simultaneamente iguais e diferentes. O que compartilhamos pode ser rastreado entre nossas nações e culturas de diversas maneiras. Ambos os países não têm apenas ricos recursos naturais e enormes faixas de terra em seus respectivos continentes, mas eles também possuem uma considerável diversidade e singularidade regional que pode, em alguns casos, em determinados momentos, superar nosso senso de brasilidade ou "estadunidensidade". Ao mesmo tempo, as diferenças regionais que nos dividem nos respectivos estados-nação são com frequência sublimadas quando brasileiros e estadunidenses agrupam-se a partir de identidades nacionais, em particular, pelos esportes. Esse é o caso dos Jogos Olímpicos realizados no Rio com grande sucesso (palmas para o Brasil). Olhando os espectadores, há um fervor igual no apoio ao *verde e amarelo*, ao que existe no *vermelho, branco e azul*. Nossos atletas também apontam outra semelhança e força comum: o poder da diversidade. Nossos nacionalismos estão baseados em narrativas similares de construção nacional como países de imigração, algo que continua hoje a beneficiar tanto o Brasil quanto os Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, vemos nossas trajetórias históricas de maneira diferente – por exemplo, no modo como celebramos nossos momentos de fundação. A primeira vez que vim para o Brasil foi em 2000, quando o país celebrava 500 anos de "descobrimento". Embora os estadunidenses possam usar 1607 como a data inicial da primeira colônia inglesa em Jamestown, Virgínia, somos ensinados que nossa verdadeira história como nação começa com a assinatura da Constituição dos Estados Unidos em 1776. Pode-se dizer que essa diferença aponta para uma autoconcepção de evolução processual no caso brasileiro, comparada a uma cristalização da identidade nos Estados Unidos. Ambas são positivas, embora tenham implicações potencialmente diferentes para nossos sensos de autoidentidade e identidade coletiva perante a Europa. A estadunidense *Declaration of the Causes and Necessity of Taking Up Arms* possui um tom

um tanto diferente d'*O Dia do Fico* de 1822. E embora hoje tanto o Brasil como os Estados Unidos sejam forças culturais dominantes no palco mundial, não obstante, mantêm "relações especiais" com seus respectivos fundadores europeus. Talvez para o desgosto de alguns no Reino Unido e em Portugal, o Brasil e os Estados Unidos redefiniram suas línguas respectivas de modos que tornam nossos inglês e português formas vibrantes em relação a seus pares europeus.

Esse padrão de inovação é também particularmente verdadeiro em relação à produção de mídia brasileira e estadunidense. O Brasil, assim como os Estados Unidos, exerce considerável influência global a partir da exportação cultural. Basta pensar no samba, jazz, bossa nova e rock para ver como o Brasil e os Estados Unidos são epicentros de inovação e criação de gêneros. Em uma trilha parecida, a mídia brasileira exporta telenovelas que são inigualáveis em escala global. Tanto a mídia brasileira quanto a estadunidense exportam bem para outros contextos, pois certos aspectos de nossa produção cultural exemplificam estéticas com apelo universal. Mas aqui o paradoxo surge de novo: o Brasil e os Estados Unidos, igualmente, produzem mídia globalizada a partir de centros de poder bastante restritos. Sem dúvida, as tensões entre Los Angeles e Nova Iorque são comparáveis às tensões entre o Rio Janeiro e São Paulo, que são também formidáveis potências financeiras e de mídia. Esses centros de poder estão relacionados, ainda, a outras tensões entre áreas urbanas e rurais dos Estados Unidos, o que é também verdadeiro para o Brasil.

Sobre esse último ponto, eu mesma vim do cinturão agrícola da Califórnia, que, como seu análogo brasileiro, possui música sertaneja (*country music*), rodeio e churrasco. Embora os churrascos da Costa Central da Califórnia pareçam bastante com o churrasco brasileiro graças à influência portuguesa nessa área da Califórnia, infelizmente não temos churrascaria. Embora nossa música caipira tenha muitos dos mesmos temas de *Tristezas do Jeca*, ninguém confundiria o som do sertanejo universitário brasileiro com o *pop country* dos Estados Unidos. No entanto, os temas de sofrimento comuns a ambas as formas de música *country* nos lembram de outras semelhanças entre nossos contextos socioeconômicos nos quais nossos ideais não se refletem na realidade com a frequência que gostaríamos. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos somos confrontados pelos desafios da estratificação social e desigualdades que são perpetuadas em ciclos de desigualdade geracional, apesar do fato de os brasileiros e estadunidenses serem povos que trabalham duro na esperança de um amanhã melhor, mesmo que os sonhos sejam deferidos para alguns.

Ainda aqui, o Brasil oferece esperança, pois, apesar dos problemas atuais, tem feito bastante nos anos recentes para mudar a condição dos que "têm" e dos que "não têm" para dezenas de milhões de brasileiros. A criação de um

novo sonho brasileiro nessa escala é uma realização digna dos maiores elogios. Da mesma forma, é também a inovação brasileira que tem mostrado o caminho em certas tecnologias verdes e de energia alternativa. Claramente, o Brasil *é* o país do futuro. Nessa orientação para o futuro, os pontos fortes e as semelhanças entre brasileiros e estadunidenses convergem em maior grau. Algumas palavras que Ralph Waldo Emerson escreveu em sua conferência de 1844 *The Young American* podem ser também aplicadas ao Brasil em 2016: "*Parece bastante fácil para os Estados Unidos inspirar e expressar o espírito mais expansivo e humano… Ele é o país do Futuro… é um país de inícios, de projetos, de planos e expectativas*". Somos ambos países que olham para o futuro, inovando em um nível extraordinário em nossa tecnologia e produção cultural. Além disso, assim como a mídia brasileira é uma força de mudança cultural dentro e fora da América do Sul, a mídia dos Estados Unidos possui um poder fenomenal semelhante para mudar como as pessoas interpretam o mundo social fora da América do Norte. No cenário global, embora nações relativamente jovens, tanto a cultura brasileira como a estadunidense exercem incrível influência com efeitos que se desdobram muito além das Américas.

MATRIZes: Você participa desde 2008 do Colóquio Brasil-Estados Unidos de Estudos da Comunicação, organizado pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e será a organizadora pelos EUA do encontro a ser realizado em 2020 na Califórnia. Como você avalia as convergências e as dissonâncias da pesquisa comunicacional dos dois países? Por exemplo, os pesquisadores brasileiros são conhecidos por empregar métodos qualitativos. Sua produção também se destaca pelo emprego dos métodos etnográficos, pelas entrevistas e pela análise de conteúdo. Em sua opinião, esses métodos são empregados de forma similar por ambas as comunidades científicas, a brasileira e a estadunidense?

Robinson: Eu me sinto honrada e é um prazer ser a organizadora dos Estados Unidos do Colóquio Brasil-EUA de Pesquisa em Comunicação organizado pelo Intercom sob a direção de Sonia Virgínia Moreira. Estou certa de que falo por todos os participantes quando digo que espero que vocês todos venham para a Califórnia e se juntem a nós! Honestamente, participar do Colóquio é um dos destaques de minha trajetória acadêmica. Ele foi e continua a ser um lugar em que me sinto em casa intelectualmente. Todos ali estão comprometidos com o avanço do campo de estudos de mídia e da comunicação e em aprender o máximo um com o outro. Nós nos reunimos por uns poucos dias em umem um diálogo vivo que faz uma ponte entre as Américas. Compartilhamos um entendimento implícito de que os acadêmicos brasileiros e os

estadunidenses têm muito a compartilhar e valorizamos a importância de um trabalho comparativo e transnacional. Além disso, os acadêmicos do Brasil são incrivelmente hábeis no uso de métodos qualitativos. De maneira geral, o trabalho deles se fundamenta mais em métodos etnográficos clássicos, com base em uma comunidade acadêmica que possui maior domínio dos métodos qualitativos. Os brasileiros também são entrevistadores habilidosos, que entendem a importância de construir relacionamentos como a pedra de toque da boa prática de entrevista. Os pesquisadores brasileiros têm um respeito profundo em preservar as vozes dos entrevistados, os significados e a dignidade deles – tudo isso contribui para sua bem merecida reputação de excelência como praticantes de metodologias qualitativas. Eu, como outros pesquisadores qualitativos estadunidenses, também tenho esses objetivos e metas. No entanto, muitos de nós trabalhamos em um ambiente acadêmico onde, infelizmente, nossa abordagem metodológica nem sempre esteve no centro do campo. Nisso, nós temos muito a ganhar nos movendo na direção do modelo brasileiro para garantir que métodos qualitativos ganhem mais visibilidade. Felizmente, nós já começamos: nosso campo experimenta um ressurgimento da análise qualitativa, especialmente para as ações geradoras de significado e a vida social midiatizada. Isso é particularmente importante para o acadêmico do campo cujo trabalho depende de métodos qualitativos. A importância desse tipo de método vai continuar a crescer conforme a sociedade da informação se expanda por causa da porção significativa de interações individuais, vidas vão se desenvolvendo dentro e através de interfaces de mídia permitidas pela tecnologia de informação.

MATRIZes: Você trabalha na criação de pontes entre essas duas comunidades científicas. Como os pesquisadores estadunidenses recebem a produção dos pesquisadores brasileiros? E como você percebe a recepção dos investigadores estadunidenses no Brasil? Além da noção de imperialismo e do domínio da língua franca acadêmica contemporânea, o inglês, os pesquisadores estadunidenses de fato são os primos ricos da academia, isto é, têm recursos mais generosos que seus colegas brasileiros para realizar estudos?

Robinson: Os pesquisadores estadunidenses têm vontade de se envolver em estudos que produzam avanços no campo e deem vigor para suas próprias investigações. Não é a falta de desejo, mas a falta de habilidades de linguagem que inibe muitos pesquisadores estadunidenses de usufruir melhor de um diálogo com seus pares brasileiros. Isso também é um problema dos resumos e da indexação do trabalho acadêmico. Se as bases de dados que reúnem os trabalhos brasileiros não estão inseridas nos bancos acessados por

pesquisadores dos Estados Unidos, esses trabalhos permanecem invisíveis, o que é uma grande infelicidade, já que qualquer fracasso em compartilhar conhecimento relevante de forma global afeta negativamente todos. Esse desafio é verdadeiro para todas as barreiras de língua, mas em particular para os que não falam inglês. Se eles desejam ter uma maior exposição entre os falantes de inglês, devem publicar seu trabalho em locais que são potencialmente menos acessíveis para suas próprias comunidades acadêmicas, nas quais não se pode esperar que todos falem inglês. Isso coloca um duplo fardo nos pesquisadores trabalhando em línguas diferentes do inglês, que devem traduzir seu trabalho para a língua inglesa. Eles devem adquirir dois grupos adicionais de habilidades: proficiência em inglês e destrezas em tradução, o que não é a mesma coisa que proficiência, mas sim a habilidade com a qual devemos capturar o estilo e o tom de uma língua e replicar em outra. Além disso, esse dilema é particularmente difícil para pesquisadores que usam o método qualitativo, porque temos o anseio de preservar a beleza e a verdade da voz dos entrevistados, bem como a estética dos nossos dados que captura o tom e o significado que podem ser perdidos na tradução. Mesmo quando a tradução é uma opção, ela coloca um fardo tremendo nos acadêmicos que devem ou dominar o inglês ou contratar tradutores, ambos proibitivos do ponto de vista do custo. Como isso indica, as finanças importam. Na academia, os recursos temporais e financeiros são objeto do Efeito Mateus como qualquer outro recurso. Mesmo que o uso de termo de Robert K. Merton remeta à sociologia da ciência, ele é verdadeiro para outros reinos da vida também. De fato, o uso de Merton da parábola de Jesus sobre os talentos do Evangelho de Mateus conta uma verdade duradoura, ainda que trágica: "Para aquele que tem será dado mais, e eles terão em abundância. Aqueles que não têm, até o que têm será tirado" (Mateus 25:29 *New International Version*). Isso é certamente verdadeiro na academia: aqueles que têm recursos são capazes de usá-los para gerar mais recursos ainda. Podemos fazer comparações entre pesquisadores de ambos os países, mas também entre aqueles de instituição de maior ou menor prestígio – nos dois casos veremos os efeitos da desvantagem relativa. A desvantagem relativa cria abismos de diferenças mesmo em uma nação próspera como os Estados Unidos, onde maior prestígio facilita o acesso a recursos temporais e financeiros que permitem uma pesquisa de alta qualidade. Por contraste, o corolário é que os pesquisadores em posições de menor prestígio têm menos recursos financeiros e frequentemente estão mais tomados por tarefas administrativas e de docência que consomem seus escassos recursos de tempo. Por todas essas razões, existe uma profunda necessidade de eventos como o Colóquio Brasil-EUA de Pesquisa em Comunicação que facilitam a colaboração de pesquisa

e parcerias entre os investigadores. Tanto no colóquio como na comunidade acadêmica de pesquisa em comunicação e mídia no Brasil em geral, sou grata aos acadêmicos brasileiros que compartilharam seu trabalho comigo e ofereceram críticas valiosas para o meu. Para mim, essas trocas são um campo fértil para todo o nosso trabalho crescer, graças à colaboração e ao diálogo dos pesquisadores das Américas do Sul e do Norte.

MATRIZes: Como organizadora do livro *Brazil: media from the Country of the Future*, pela *Emerald Studies in Media and Communications,* que integra o grupo de publicação de revistas científicas e livros acadêmicos Emerald, com sede no Reino Unido e quase meio século de tradição, você tem experiência com a publicação científica da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil. Como parecerista de quase 30 periódicos internacionais, a seu ver, o que falta para a produção da comunidade científica brasileira, que é alta, ter maior penetração, visibilidade e impacto no cenário internacional?

Robinson: Para impulsionar a comunidade de ciência social brasileira no cenário internacional, nós precisamos de parceiros internacionais comprometidos que publiquem trabalhos colaborativos, destacando tanto a pesquisa brasileira como a estadunidense. Esse certamente é o caso do trabalho editorial de Sonia Virgínia Moreira, que trabalhou assiduamente com a ajuda de Daniela Ota para criar esse tipo de publicações conjuntas de acadêmicos que participam do Colóquio Brasil-Estados Unidos de Estudos da Comunicação. Como uma editora de séries do *Emerald Studies in Media and Communications,* minha equipe editorial e eu preparamos a chamada de 2016 para destacar o Brasil e a América Latina. Reunindo um grupo de coeditores brasileiros e estadunidenses, nós estamos publicando dois volumes: Volume 12, *Digital empowerment: opportunities and challenges of inclusion in Latin America and the Caribbean,* e Volume 13, *Brazil: media from the Country of the Future.* O volume 12 destaca o trabalho de diversos acadêmicos brasileiros e brasilianistas. Eu e os coeditores Jeremy Schulz e Hopeton S. Dunn estamos em dívida com nossa equipe conjunta Brasil-EUA de editores regionais. De forma significativa, esse volume deixa clara a importância do trabalho comparativo não só entre Brasil e Estados Unidos, mas também entre outros países e regiões das Américas, em particular no Caribe. Nossos autores procuram chamar a atenção para importantes temas de desenvolvimento, tanto em pequenas ilhas de estados na sub-região do Caribe (como St. Lucia, Barbados, Trinidad e Tobago e Jamaica) quanto em nações maiores da América Latina como o Brasil, a Colômbia e o Peru. Nossos autores brasileiros e brasilianistas abarcam temas como educação midiática e envolvimento cívico, empoderamento feminino

em redes sociais, memória e preservação do patrimônio, análises weberianas de funções midiáticas e acesso público a Wi-Fi. Nossos objetivos ao reunir a pesquisa do Brasil e a das Américas são oferecer insights relevantes não só para a América Latina e o Caribe, mas para uma comunidade global maior. Nossa equipe editorial incluía muitos brasileiros reunidos em uma poderosa coleção de vozes diversificadas que examinam tanto a promessa como os desafios colocados pelas tecnologias de informação e comunicação em uma região com diversidade cultural e social. Todos esses mesmos editores são somados a Sayonara Leal e Apryl Williams, que estão atuando na edição do Volume 13. Nós identificamos cinco temas-chave que formarão esse volume: a nova face das notícias e do jornalismo, movimentos sociais e protesto, televisão, cinema, publicidade e marketing, bem como teoria de mídia. Nós vamos terminar a edição desse volume para a publicação no início de 2017. Estou certa de que falo por todos nós quando digo que estamos animados com a amplitude e a qualidade das pesquisas de brasileiros e brasilianistas que permitirão ao volume explorar a evolução do ambiente de mídia de uma das sociedades mais fascinantes do mundo: o Brasil.

MATRIZes: Uma de suas áreas de interesse são os estudos sobre identidade e desigualdade digital. Como você entende a noção de identidade em um momento que, devido aos fluxos migratórios causados principalmente por conflitos nos países de origem, em um mundo imerso em crise econômica mundial, ocorre um questionamento da noção de fronteiras? E no contexto da financeirização, tecnologização e globalização, a desigualdade digital tende a se ampliar e aumentar os abismos sociais, econômicos e ambientais no mundo?

Robinson: Entre os muitos temas que dominaram o cenário público nos anos recentes, dois são inevitavelmente interligados: o crescimento da incerteza e a inexorável ascensão da tecnologia de comunicação e da internet. Em um nível global, podemos ver diversas tendências se cruzando. Primeiro, existe um ressurgimento do regionalismo ao longo do norte global e o declínio paralelo do cosmopolitismo relativo à virada do século. Segundo, há um esvaziamento dos estados-nação no sul global em regiões como a África e o Oriente Médio. A conjunção dessas tendências gera um aumento no vasto fluxo de refugiados dos Estados deteriorados, provocando resistência nacionalista à imigração no norte global. Também houve um fracasso em construir instituições supranacionais efetivas para governar os mercados financeiros interconectados do mundo e outros sistemas que operam através de fronteiras. Como Saskia Sassem escreveu, o capital financeiro se tornou hipermóvel, ao mesmo tempo em que o capital humano enfrenta numerosas barreiras ao livre movimento.

Dentro desse contexto de poder econômico cada vez mais concentrado, a dispersão de tecnologias digitais tem dois efeitos contraditórios. Por um lado, pode permitir uma ainda maior concentração de poder econômico – vejam a influência do *Big 5* (os cinco grandes: Amazon, Google, Facebook, Microsoft e Apple), que controla vastas partes de diversos mercados de tecnologia e extrai grandes lucros dos consumidores e outras empresas. Por outro lado, com o tipo certo de tecnologias nas mãos certas, é possível gerar oportunidades para indivíduos em desvantagem e grupos de todo o mundo para fazer coisas que seriam impossíveis. Então, por exemplo, celulares já têm um positivo impacto nas práticas de agricultores africanos que agora podem registrar os preços de seus produtos e a saúde de seus rebanhos.

Como indicam essas tendências, a mídia digital abre portas para alguns criarem disparidades maiores ainda em relação aos outros. Muito do meu trabalho sobre desigualdade digital examina esse caráter duplo dos recursos digitais na atual sociedade de informação. Para os grupos economicamente privilegiados, os recursos digitais podem servir como forças de transformação, reestruturando muitas áreas da vida social, atenuando disparidades e criando oportunidades. No entanto, no que concerne a desigualdades, os recursos digitais podem replicar padrões já existentes de poder off-line ou gerar novas disparidades próprias da era da informação. Esse caráter de mão dupla serve como um ponto de partida para todas as minhas análises da desigualdade digital. Através dos meus projetos, minha pesquisa toma como ponto de partida a rejeição do determinismo tecnológico, mas reconhece a capacidade da mídia digital em redesenhar identidades e relações de poder em diferentes contextos culturais. A partir daí, meu trabalho é guiado pela questão teórica central: como os processos sociais mediam o uso da mídia digital por parte de atores sociais com acesso desigual aos recursos? Pegando minha deixa de Bourdieu, desenvolvi uma teoria do *habitus* de informação, um espectro de orientações internalizadas pelos jovens, composto por engajamentos em mídia digital com maior ou menor nível de restrições. Utilizo lentes amplas para capturar as complexas interconexões entre os contextos de vida dos jovens e suas práticas de mídia digital, especialmente em atividades de aumento de capital. Induzo uma perspectiva holística para compreender as interações digitais como produtos de ambientes familiares e institucionais, organizações do tempo e recursos, bem como relações sociais. Como mostram minhas descobertas, todos esses fatores influenciam as interações digitais dos jovens de maneiras complexas que podem desafiar ou perpetuar hierarquias de poder na sociedade. Partindo da ideia de *skholè* de Bordieu, ou o "brincar sério", descobri que jovens de altos recursos se engajam na mídia digital em formas que

desenvolvem um *habitus* ativo de informação. Ao brincar com seriedade, eles adotam um *habitus* de informação autossuficiente que constrói habilidades as quais, em última instância, permitem a eles tirar mais vantagem de suas interações digitais. Por contraste, aqueles que têm carências crônicas vivenciam o "gosto pelo necessário" que engendra tanto o *habitus* voltado para tarefas como a dependência crônica de outros. Esse "gosto pelo necessário" cria um padrão em que a atuação sempre fica fora das mãos dos jovens desfavorecidos e impede a capacidade de internalizar um senso de ação em seus encontros com a mídia digital. Em última análise, um *habitus* orientado à tarefa inibe aqueles sem recursos na construção de habilidades e obtenção dos mesmos benefícios da mídia digital, como seus pares com mais recursos. Dessa forma, o conceito de *habitus* de informação enriquece o estudo de interações digitais dos jovens através do exame dos microprocessos que traduzem oportunidades e constrangimentos em orientações e autoconcepções duradouras. Como isso indica, o processo de internalização ativa da autocompreensão da atuação coloca aqueles com recursos em uma posição de maior vantagem relativa em comparação com aqueles que são digitalmente desfavorecidos. Assim, embora reconhecendo o potencial de igualdade – e até mesmo de transformação – das tecnologias digitais, minha pesquisa tanto revela os processos através dos quais a questão das desigualdades digitais emana quanto também aprofunda outras formas de desvantagem.

MATRIZes: Finalmente, como é estudar o Brasil morando nos Estados Unidos? Você tem planos de desenvolver novos estudos em nosso país?

Robinson: Sem os colegas brasileiros e o acesso cotidiano à mídia brasileira, seria muito difícil estudar o Brasil, uma vez que vivo nos Estados Unidos. Mesmo assim, continua a ser um objetivo de longo prazo encontrar uma maneira de voltar regularmente para o Brasil por longos períodos de tempo para realizar um novo projeto sobre a desigualdade digital. Atualmente, estou à procura de colaboradores brasileiros para lançar um estudo comparativo da desigualdade digital e inclusão digital. Em função do rápido crescimento da população de usuários de internet do Brasil, o projeto pergunta: como os dois lados da moeda digital podem ser mais bem entendidos? Por um lado, para os brasileiros com acesso a recursos materiais e oportunidades de construção de competências, as tecnologias digitais oferecem oportunidades extraordinárias para aprendizagem e desenvolvimento do capital humano. Isso é particularmente verdadeiro para o Brasil como o país com a terceira maior base de usuários do Facebook no mundo em 2014 e a terceira maior participação no LinkedIn em 2015. Por outro lado, quando os brasileiros carecem

de tais recursos, eles são incapazes de desbloquear o potencial oferecido pelas tecnologias digitais. Com colegas brasileiros, espero mapear um estudo dos diferenciais de renda, mobilidade econômica e as políticas de inclusão digital. Buscando medir o efeito de políticas públicas que combatem a desigualdade digital, o projeto terá como alvo a implementação de políticas de inclusão digital no Brasil, em pontos de acesso público. O projeto investigará as ligações entre políticas de inclusão digital e o recente aumento na mobilidade social no Brasil, que agora é impactada pela instabilidade econômica. O projeto irá explorar o grau em que os brasileiros com diferentes recursos se beneficiam de telecentros e outros pontos de acesso público. A coleta de dados comparativos de diferentes bairros vai permitir ao estudo examinar os efeitos dos telecentros na mobilidade econômica. Esse tipo de experimento vai lançar luz sobre o potencial das políticas de inclusão digital para melhorar a mobilidade de classe e aliviar as dificuldades econômicas. É importante ressaltar que as políticas públicas brasileiras de inclusão digital estão entre as mais importantes do mundo e superam em muito as similares estadunidenses. Dado que as estratégias futuras de pensamento centrais para as políticas brasileiras de inclusão digital podem servir como modelos replicáveis que melhor promovam estratégias de inclusão, a política pública brasileira tem muitas lições para os Estados Unidos e outras nações desenvolvidas que procuram igualar o cenário digital nesse importante problema social global. M